



Luc Adolphe

« Cortes Urbanos »

Arquitetura e fotografia mantêm uma ligação complexa e retroativa.

No sentido etimológico, a fotografia escreve com a luz, ao passo que "a arquitetura é o hábil, correto e magnífico jogo de volumes montados sob a luz" (Le Corbusier).

A arquitetura participa da formação do inconsciente primitivo da cultura espacial do indivíduo, em particular do fotógrafo, e portanto contribui para sua percepção.

Pierre Bourdieu afirma que "é comumente aceito ver a fotografia como o modelo de veracidade e objetividade (...); de facto, a fotografia fixa um aspecto da realidade que nunca mais é do que o resultado de uma selecção arbitrária e, por conseguinte, de uma transcrição: entre todas as qualidades do objecto, apenas as qualidades visuais que se dão no momento e de uma ponto de vista único".

A fotografia, distinguindo e compondo tanto o mais subjetivo (gênio do próprio fotógrafo) quanto o mais objetivo (registro pela lente fotográfica), é sem dúvida a que melhor nos faz compreender como se constrói o olhar, esse hífen entre o sujeito e o objeto.

A realidade não pode ser reduzida nem ao sentido real objetivo, nem às únicas representações subjetivas que dela fazemos.

A realidade constitui-se, no tempo e no espaço, numa perpétua ida e volta entre o sujeito e o objeto: uma trajetória que se expressa em configuração tipificada cultural e historicamente (Berque)

Sou fascinado pela paisagem urbana.

Aspiro a uma expressão despojada, ao mesmo tempo descritiva e abstrata, apertando os componentes mínimos do

jogo de linhas, superfícies, materiais, atmosferas, cores e sua aliança, para decifrar suas estruturas e modelos.

A maioria das minhas fotos são desabitadas para evitar o aspecto anedótico dos homens.

Este recorte, este corte arbitrário (muitas vezes com peças fora do ecrã) ou reapresentação (uma determinada apresentação de um certo ângulo, com uma certa luz...), contribui tanto para a (re)construção (com interferências e fortes retroações entre objeto fotografado e fotógrafo), e à interpretação (a complexidade das representações da realidade física do mundo).

Essa visão fragmentária da totalidade urbana selecionada pelo meu olhar pode abrir uma multiplicidade de paisagens urbanas: para uma mesma materialidade, várias representações são possíveis.

Este distanciamento contemplativo permite ler as formas espaciais urbanas numa dimensão temporal alargada: tanto fruto da sedimentação urbana passada, como campo de possíveis desenvolvimentos urbanos futuros, numa subjetividade do olhar que constrói a paisagem urbana. Formas, atmosferas e materiais arquitetônicos ou urbanos convocam a imaginação e exigem imagens nas quais o significado dos símbolos humanos penetra.

Este trabalho visa, assim, extrair as dimensões imaginárias ou míticas da paisagem urbana: abrir os olhos do espectador através da linguagem dos lugares. Pretende criar uma cidade de símbolos, possibilitando uma outra espacialidade poética e mística (Certeau). Construindo "o cenário de uma mitologia cotidiana, um espaço de memória" (Ralph Eugène Meatyard).

Exposição "Cortes urbanos", CMAV, Toulouse, abril-maio 2007